

humanitas

Vol. XLIX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLIX • MCMXCVII



MARCIAL PERANTE O PÚBLICO E OS CRÍTICOS: AUTODEFESA DO POETA*

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO
Universidade de Coimbra

Me legit omnis ibi senior iuuenisque puerque
et coram tetrico casta puella uiro.

7.88

Em jeito de *captatio benevolentiae*, Marcial explicita, na carta-prefácio ao livro I dos Epigramas, alguns princípios que a sua poesia irá seguir. Esta *epistula* parece ser a resposta do poeta a acusações que já na altura lhe seriam feitas¹. Revela uma espécie de teoria poética pessoal: orientações que irão ser reiteradas e desenvolvidas ao longo dos doze livros dos epigramas e que dizem respeito à relação do poeta com os seus leitores.

A invectiva pessoal

Uma vez que a tradição do género epigramático está ligada à invectiva pessoal – basta pensar em Catulo –, Marcial proclama o carácter não pessoal dos seus ataques. O poeta sabe que tem na mão uma arma terrível e temida², mas fazer uso dela não convém aos seus objectivos literários. Por isso afirma em resposta à possível acusação de maledicência:

* Aqui deixo expresso o meu sincero agradecimento ao Prof. Doutor Walter de Medeiros pelas oportunas sugestões e pela amabilidade em rever o texto. Incorreções que porventura subsistam são da minha inteira responsabilidade.

¹ De facto, a edição do primeiro livro dos epigramas que nos chegou não é a original, tanto que em 1.1 nos apresenta um poeta já *toto notus in orbe*. Cf. J. P. SULLIVAN, *Martial: the unexpected classic. A literary and historical study*, Cambridge, University Press, 1991, 15-21.

² cf. 12.61.1-2: *Versus et breue uiuidumque carmen / in te faciem times, Ligurra*; 3.39; 7.72.

Spero me secutum in libellis meis tale temperamentum ut de illis queri non possit quisquis de se bene senserit, cum salua infimarum quoque personarum reuerentia ludant; quae adeo antiquis auctoribus defuit, ut nominibus non tantum ueris abusi sint, sed et magnis. Mihi fama uilius constet et probetur in me nouissimum ingenium. Absit a iocorum nostrorum simplicitate malignus interpret nec epigrammata mea scribat: improbe facit qui in alieno libro ingeniosus est.

Espero ter seguido, nos meus livrinhos, tal comedimento que deles queixar-se não possa quem quer que tenha um bom conceito de si próprio, já que eles gracejam de modo a salvaguardar o respeito até pelas pessoas mais humildes: respeito esse que faltou aos autores antigos, a ponto de abusarem não somente de nomes verdadeiros, mas até de grandes nomes. Que a minha fama custe menor preço e o meu espírito seja o último predicado a ser encarecido. Esteja bem longe da inocência dos meus gracejos o intérprete maligno e este não transcreva os meus epigramas: procede indignamente quem mostra espírito à custa de um livro alheio.

Para evitar a invectiva pessoal, Marcial recorre a nomes postiços. Depois de, em dois epigramas, brincar com o hábito de beijar de um suposto Póstumo, o poeta afirma:

*Non dicam, usque me rogetis,
qui sit Postumus in meo libello³.*

Não hei-de dizer, por mais que mo peçam, / quem é Póstumo no meu livro.

Procede da mesma forma em relação a um certo Atenágoras:

*Nomen Athenagorae credis, Callistrate, uerum.
Si scio, dispeream, qui sit Athenagoras⁴.*

Tu acreditas, Calístrato, que é verdadeiro o nome de Atenágoras: / raios me partam se eu sei quem seja Atenágoras!

³ 2.23.1-2.

⁴ 9.95.1-2. Muitas vezes os nomes são portadores de significado, verdadeiros nomes falantes que contribuem para a caracterização de personagens. E a importância que Marcial dá à escolha do nome é realçada pela forma como desenvolve o motivo *bibere ad numerum*: enquanto em Plauto este tipo de brinde se rege pelo número dos dedos das mãos (*Stich.* 706), em Orácio pelo número das Musas (*Carm.* 3.19.2) e em Ovídio pelo número dos anos (*Fast.* 3.532), Marcial propõe beber tantos copos quantas as letras do nome da suposta pessoa à saúde de quem bebe: 1.71; 9.36; 9.93. Sobre este assunto cf. R. PAVANELLO, “Nomi di persona allusivi in Marziale”: *Paideia* 49 (1994) 161-164.

Temos aqui, como diz o poeta no referido prefácio, uma atitude que não era habitual neste género de poesia. Com efeito, e a título de exemplo, onde Catulo se serve de um nome identificável, Marcial usa, para o mesmo tema, um nome inventado: Catulo censura a Marrucino Asínio o hábito de furtar guardanapos e identifica-o como irmão do célebre Asínio Polião — *crede Pollioni fratri*—; Marcial atribui o mesmo hábito a Hermógenes, nome considerado imaginário por H. J. Izaac⁵.

Mas o *malignus interpres*, contra quem nos previne o poeta, está sempre à espreita: são várias as ocasiões em que o poeta se queixa de que lhe atribuem epigramas venenosos⁶. Marcial apresenta-se sempre de consciência tranquila:

*Vt mea nec iuste quos odit pagina laesit
et mihi de nullo fama rubore placet (...)
Ludimus innocui: scis hoc bene.*⁷

A minha poesia não prejudicou nem sequer aqueles que tinha razão para odiar / e a mim não me agrada a fama à custa da vergonha de quem quer que seja. / (...) Gracejo sem ofender: sabes isso bem.

Prefere, pois, usar *innocuos sales*, que divertem sem atingir ninguém em especial⁸. O objectivo do poeta é, além de *ludere*, expor os erros da sociedade do seu tempo:

*Hunc seruare modum nostri nouere libelli:
parcere personis, dicere de uitiiis*⁹.

Os meus livrinhos sabem guardar esta contenção: / poupar as pessoas, censurar os vícios.

E, se lhe chama *uitii*, é porque o seu discernimento os via como tal: ou seja, o poeta consegue distanciar-se da sociedade em que está inserido, para dela fazer a crítica.

São, de facto, muitos os vícios que Marcial denuncia sob a capa de um nome falso. São nomes que representam tipos e se repetem, por isso, em muitos epigramas:¹⁰ Zoilo é o protótipo do liberto e do novo-rico petulante e de mau

⁵ Cf. MARTIAL, *Épigrammes*, tome II 2^{ème} partie (livres XIII-XIV), texte établi et traduit par H. J. IZAAC, Paris, Les Belles Lettres, 2^e 1961, Index des noms propres, 300-354.

⁶ Cf. 7.12; 7.72; 10.3; 10.5; 10.33; 12.78.

⁷ 7.12.5-6 e 11.

⁸ 3.99: *Irasci nostro non debes, cerdo, libello. / Ars tua, non uita, est carmine laesa meo. / Innocuos permittit sales. / Cur ludere nobis / non liceat, licuit si iugulare tibi?*

⁹ 10.33.9-10. Cf. SULLIVAN, *Martial*, cit. 63-64.

¹⁰ sobre este assunto cf. Lucienne DESCHAMPS, "L'influence de la diatribe dans l'oeuvre

gosto¹¹, Fidentino representa os maus recitadores e plagiários¹², Sélío incarna o parasitismo¹³, Lésbia é uma mulher devassa e degradada¹⁴, Licóris uma velha feia e pretensiosa¹⁵, Quíone, como o nome indica, é frígida¹⁶.

Mas nem tudo são nomes fictícios. Quando se trata de elogiar, o poeta indica o nome verdadeiro: basta lembrar o grande número de amigos e conterrâneos, os protectores e o imperador. Através da menção do nome, Marcial imortaliza as pessoas que o merecem — e confessa que isso lhe agrada:

*Quintus nostrorum liber est, Auguste, iocorum
et queritur laesus carmine meo,
gaudet honorato sed multus nomine lector,
cui uictura meo munere fama datur.
«Quid tamen haec prosunt quamuis uenerantia multos?»
Non prosint sane, me tamen ista iuuant¹⁷.*

Este é o quinto livro, Augusto, dos meus gracejos / e ninguém se queixa ofendido pelo meu canto, / mas com o nome dignificado se alegram muitos leitores / a quem uma imorredoura fama, graças à minha acção, é dada. / «De que te aproveitam estes versos, ainda que honrem muitos?» / De nada me aproveitam: e no entanto agradam-me.

Haverá maior honra do que ser imortalizado em verso? Há, no entanto, quem mostre ingratidão em relação à generosidade do poeta:

*Laudatus nostro quidam, Faustine, libello
dissimulat, quasi nil debeat: inposuit¹⁸.*

Um certo indivíduo, ó Faustino, louvado no meu livro, / disfarça, como se nada me devesse: chegou para mim!

Contra aqueles de quem não gostava não usava o ataque pessoal: condenava-os ao esquecimento eterno, com a maldição:

de Marcial”: *Atti del Congresso Internazionale di Studi Vespasiani*, Rieti, Centro di Studi Varroniani, 1981, 353-368.

¹¹ 2.16; 2.19; 2.42; 2.58; 2.81; 3.29; 3.82; 4.77; 5.79; 6.91; 11.12; 11.30; 11.37; 11.54; 11.85; 11.92; 12.54.

¹² 1.29; 1.38; 1.53; 1.72.

¹³ 2.11; 2.14; 2.27; 2.69.6.

¹⁴ 1.34; 2.50; 5.68; 6.23; 10.39; 11.62; 11.99.

¹⁵ 1.72.3-6; 3.39; 4.24; 4.62; 7.13.

¹⁶ cf. 3.34; 3.83; 3.87; 3.97; 11.60. O antropónimo *Chione* é mais um nome falante: liga-se a χιών ‘neve’.

¹⁷ cf. 5.15.

¹⁸ 5.36.

*Ignotus pereas, miser, necesse est*¹⁹.

É forçoso, desgraçado, que morras desconhecido.

Mas houve quem apreciasse a honra de ver o seu nome num epigrama laudatório. Eis o testemunho de amizade de uma pessoa a quem Marcial, num epigrama (10.20), deu a *gloria et laus et aeternitas*, Plínio-o-Moço:

*Audio Valerium Martialem decessisse, et moleste fero. Erat homo ingeniosus, acutus, acer, et qui plurimum in scribendo haberet et salis et fellis, nec candoris minus. Prosecutus eram uiatico secedentem, dederam hoc amicitiae, dederam etiam uersiculis, quos de me composuit. (...) Dedit enim mihi quantum maximum potuit; daturus amplius, si potuisset. Tametsi quid homini potest dari maius, quam gloria et laus et aeternitas? Aeterna, quae scripsit, non erunt fortasse: ille tamen scripsit tamquam futura.*²⁰.

Ouço dizer que Marcial faleceu, e sinto-me pesaroso. Era um homem engenhoso, arguto, vivo, e que ao escrever tinha muito sal e fel e não menor sinceridade. Eu tinha-lhe oferecido o dinheiro para a viagem de regresso. Dera-lho pela amizade e por causa de uns versos que ele compôs acerca de mim. (...) Deu-me o máximo que podia. Daria mais, se tivesse possibilidades. Todavia o que de maior se pode dar ao homem do que a glória, o louvor e a eternidade? As coisas que escreveu talvez não sejam eternas; mas ele escreveu-as, como se estivessem destinadas a sê-lo.

A obscenidade das palavras

É frequente, mesmo nos nossos dias, ouvir classificar Marcial como poeta obsceno ou vate de baixos amores. Em contrapartida, ninguém pensaria em classificar como tal Catulo, por exemplo. Será assim tão grande a diferença entre um e outro? Ora já em 1972 Miguel Dolç afirmou:

«Pero Marcial es, sin duda, mejor que su fama. La simple calificación “manual” de poeta obsceno, con que va asociado invariablemente su nombre, es irritante; nunca presenta el “pecado” con aquella morbosidad característica de Ovidio, ni son tantas en su gavilla de epigramas las piezas indecentes que superen la décima parte del conjunto — a unos 150 ascienden en las ediciones *ad usum Delphini*, a 148 en la notable edición de V. Colleson (Amsterdam 1701).»²¹

¹⁹ 5.60; cf. 12.61.11: *Frons haec stigmatē non meo notanda est.*

²⁰ PLÍNIO, *Ep.* 3.21.

²¹ M. DOLÇ, *Retorno a la Roma clásica. Sobre cultura y sociedad en los albores de*

Parece que esta acusação já lhe seria feita em vida. Pelo menos a segunda parte da carta-prefácio ao livro I aponta nesse sentido: apresenta-nos o poeta a justificar a *lasciuam uerborum ueritas*:

Lasciuam uerborum ueritatem, id est, epigrammaton linguam, excusarem, si meum esset exemplum: sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedo, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur. Si quis tamen tam ambitiose tristis est ut apud illum in nulla pagina latine loqui fas sit, potest epistula uel potius titulo contentus esse. Epigrammata illis scribuntur qui solent spectare Florales. Non intret Cato theatrum meum, aut si intrauerit, spectet. Videor mihi meo iure facturus, si epistulam uersibus clusero:

*Nosses iocosae dulce cum sacrum Florae
festosque lusos et licentiam uolgi,
cur in theatrum, Cato seuerus, uenisti?
An ideo tantum ueneras, ut exires?*

Quanto à sinceridade licenciosa das palavras, isto é, à linguagem dos epigramas, eu me desculpava, se fosse meu o exemplo: assim escreveu Catulo, assim Marso, assim Pedão, assim Getúlico, assim quem quer que seja lido de fio a pavio. Se alguém é assim tão afectadamente austero que, junto dele, em nenhuma página, é lícito falar latim, pode contentar-se com a introdução, ou, de preferência, com o título. Os epigramas são escritos para aqueles que costumam assistir às Florais. Não entre Catão no meu teatro, ou, se entrar, que assista. Parece-me que estou no meu direito de fechar esta introdução com os versos seguintes:

*Se conhecias o ritual grato à jocosa Flora
e os gracejos divertidos e a licenciosidade do vulgo,
porque vieste, severo Catão, ao teatro?
Terias vindo tão-somente para saíres?*

Como se vê, para justificar a linguagem licenciosa, o próprio Marcial dá como exemplo, entre outros, a poesia de Catulo. Verificamos, no entanto, que Catulo, até aos nossos dias, tem sido principalmente conhecido como um representante do amor “nobre”, devido à sua paixão por Lésbia, Marcial, pelo contrário, que não teve uma eleita, é visto como um cultor do amor vil, que usa continuamente uma linguagem obscena. A origem do problema vem discretamente acenada pelo poeta naquele *sic quicumque perlegitur*: repare-se que Marcial não diz *legitur*, mas antes *perlegitur*, já para evitar juízos parciais.

O que tem acontecido é que de Catulo se esquecem os carmes onde o Veronense usa linguagem escabrosa²², ao passo que, em relação a Marcial, se coloca a tónica nos epigramas mais obscenos. Para mais, a obra de Marcial que chegou até nós, mau grado a confessa preguiça do poeta, nos seus quinze livros (cerca de 1554 composições), é incomparavelmente mais vasta e, por isso, mais difícil de abarcar do que as 116 composições que de Catulo sobrevivem. Ora só quem não leu toda a obra de Marcial o pode considerar um poeta obsceno. E o certo é que, ao longo da história, os ouvidos castos da piedade cristã chegaram ao ponto de condenar à fogueira exemplares das obras de Marcial²³.

Os epigramas são escritos para aqueles que costumam frequentar as festas licenciosas em honra de Flora. Os Catões mais rígidos (*tristes*) devem contentar-se com as palavras de introdução. Ao relembrar a conhecida anedota de Catão de Útica a abandonar o teatro porque o povo se envergonhava de ver a *nudatio mimarum* enquanto ele estivesse presente, Marcial corta o tom demasiado sério que a *epistula* manteve até aqui para introduzir o gracejo: termina assim como se de um verdadeiro epigrama se tratasse. Mas a frechada final, apesar do aspecto risível, tem um conteúdo mais profundo: a insinuação de que o *ambitiose tristis* Catão, ao vir ao teatro, sabe o que o espera, mas vem para dar o grande exemplo público; a sua finalidade, de antemão premeditada, é *exire*. Trata-se de uma advertência, em que o poeta acentua a hipocrisia do acto: há leitores que o lêem apenas para terem matéria para a sua maledicência. E, como veremos adiante, Marcial sente-se muitas vezes atormentado pela malevolência de alguns leitores.

As composições francamente obscenas ocorrem várias vezes, mas constituem uma minoria que, embora significativa, é justificada pelo género: *est epigrammaton lingua*. Marcial foi mestre no realismo: ele próprio se considera o primeiro na arte das *nugae*²⁴, e a sua linguagem, aquilo a que ele chama *latine loqui*, faz parte da sinceridade realista que obriga a chamar as coisas pelo nome²⁵,

Europa, Madrid, Prensa Española, 1972, 212. Cf. P. HOWELL, *A commentary on book I of the epigrams of MARTIAL*, London, Athlone Press, 1980, 11-13.

²² Cf., por exemplo, CATULO, 16 que começa e acaba com a expressão: *Pedicabo ego uos et irrumabo*; ou 32.7-11: *sed domi maneat paresque nobis / nouem continuas fututiones. / Verum, si quid ages, statim iubeto: nam pransus iaceo et satur supinus / pertundo tunicamque palliumque*. Marcial tenta ainda justificar aquilo a que chama a *Romana simplicitas*, citando em 11.20 uns versos obscenos do próprio Augusto, o restaurador da moral romana. E não hesita em recordar a Pola Argentária um verso obsceno do épico Lucano, seu marido (10.64.5).

²³ Cf. SULLIVAN, *Martial*, cit. 211-212 e M. DOLÇ, *Retorno a la Roma clásica* cit. 199.

²⁴ 9. *Pref.*: *Ille ego sum nulli nugarum laude secundus*.

²⁵ Cf. 1. *Pref.* Além disso, seguia um princípio estóico: cf. CÍCERO, *Fam.* 9. 22. 1: *... suo*

a usar para cada situação o nível de língua adequado, para assim dar uma imagem mais viva de Roma:²⁶

*Versus scribere me parum seueros
nec quos praelegat in schola magister,
Corneli, quereris: sed hi libelli,
tamquam coniugibus suis mariti,
non possunt sine mentula placere.
Quid si me iubeas talassionem
uerbis dicere non talassionis?
Quis Floralia uestit et stolatum
permittit meretricibus pudorem?
Lex haec carminibus data est iocosis,
ne possint, nisi pruriant, iuuare.
Quare deposita seueritate
parcas lusibus et iocis rogamus,
nec castrare uelis meos libellos.
Gallo turpius est nihil Priapo²⁷.*

De que eu escrevo versos pouco sérios, / de modo que, na escola, o professor não os pode ler todos, / queixas-te tu, Cornélio: mas estes epigramas, / tal como os maridos às suas esposas, / não podem agradar sem o “instrumento”. / Se me mandas falar da alcova, / porque não com palavras de alcova? / Quem veste as Florais e autoriza / às prostitutas o pudor da estola? / Foi esta a lei dada aos versos jocosos: / que não possam agradar, se não forem excitantes. / Por isso, posta de lado a severidade, / te pedimos que perdoes as brincadeiras e os gracejos, / e que não queiras castrar os meus epigramas. / Não há nada mais desagradável do que um Priapo eunuco.

Por outro lado, como forma de o provocar o leitor, o poeta recorre frequentemente à advertência para o tipo de linguagem que vai usar. Veja-se o seguinte exemplo em que Marcial zomba da curiosidade feminina:

quamque rem nomine appellare. Sic enim disserunt, nihil esse obscenum, nihil turpe dictu. Cf. ainda Lucienne DESCHAMPS, “L’influence de la diatribe dans l’oeuvre de Martial”, cit. 362. Sobre a obscenidade e realismo, cf. SULLIVAN, *Martial*, cir. 64-74.

²⁶ Cf. RODRÍQUEZ, Maria Teresa, “Il linguaggio erotico di Martiale”: *Vichiana* 10 (1971) 91-117.

²⁷ 1.35. É inequívoco o eco de Catulo 16.7-9, onde, falando deste tipo de *uersiculi*, se diz: *qui tunc denique habent salem ac leporem, / si sunt molliculi ac parum pudici / et quod pruriant incitare possunt.*

*Huc est usque tibi scriptus, matrona, libellus.
 Cui sint scripta rogas interiora? Mihi.
 Gymnasium, thermae, stadium est hac parte: recede.
 Exuimur: nudos parce uidere uiros.
 (...)
 Si bene te noui, longum iam lassa libellum
 ponebas, totum nunc studiosa legis²⁸.*

Até aqui o livrinho foi escrito para ti, matrona. / Perguntas para quem é o que vem escrito mais adiante? Para mim. / O ginásio, as termas, o estádio estão nesta parte: afasta-te. / Agora tiramos as roupas: evita ver homens nus. / (...) / Se bem te conheço, o comprido livrinho que, já cansada, / punhas de lado, vais lê-lo agora, atenta, até ao fim.

Mas mais à frente finge surpreender a leitora a ler o que não deve:

*Ne legeres partem lasciui, casta, libelli,
 praedixi et monui: tu tamen, ecce legis.²⁹*

Que não lesses, casta senhora, a parte dos epigramas brejeiros, / já antes te avisei e aconselhei: mas eis que tu os vais lendo.

Esta é a linguagem dos epigramas, mas, logo em 1.4.8 (o que corresponderia na edição inicial ao segundo epigrama do livro), o poeta apressa-se a fazer a distinção entre a sua vida e a sua poesia:

Lasciua es nobis pagina, uita proba³⁰.

Licenciosa é a minha escrita, a minha vida é honesta.

E, perante a obscenidade do livro XI, Marcial faz igual advertência:

mores non habet hic meos libellus³¹

Este livro não tem os meus costumes.

Luta entre o temor da crítica e a consciência do seu valor

Toda esta preocupação de ilibar da autoria de ataques pessoais e em justificar o uso de linguagem obscena se insere num problema mais vasto que é

²⁸ 3.68.1-4 e 11-12.

²⁹ 3.86.1-2.

³⁰ Mais uma reminiscência de Catulo 16.5-6: *castum esse decet pium poetam / ipsum: uersiculos nihil necesse est*. Cf. ainda Ovídio, *Trist.* 1.9.59 ss; 2.353 ss; 3.2.6. Nos livros dedicados a Domiciano Marcial mostra a intenção de moderar a obscenidade: cf. 5.2; 8.*epist.*; 8.1.

³¹ 11.15.13.

a relação de Marcial com os seus leitores. O poeta experimenta amiúde um medo incontido de não ser aceite, de não ser amado, e a crítica trocista é a principal fonte do seu temor. Ele sabe que, no momento em que o livro é publicado, deixa de estar protegido, passa a estar exposto aos sorrisos venenosos dos Romanos. E o poeta conhece a inconstância das massas, que tanto aplaudem como de seguida pateiam sem qualquer escrúpulo. É esta preocupação que manifesta logo no início do livro I. Ao próprio livro dirige estas palavras que espelham bem a luta que lhe vai na alma entre a vontade de publicar e o receio da crítica mordaz:

*Argiletanas mauis habitare tabernas,
cum tibi, parue liber, scrinia nostra uacent.
Nescis, heu, nescis dominae fastidia Romae:
crede mihi, nimium Martia turba sapit.
Miores nusquam rhonchi: iuuenesque senesque
et pueri nasum rhinocerotis habent.
Audieris cum grande sophos, dum basia iactas,
ibis ab excusso missus in astra sago.
Sed tu ne totiens domini patiare lituras
neue notet lusus tristis harundo tuos,
aetherias, lasciue, cupis uolitare per auras:
i, fuge: sed poteras tutior esse domi³².*

Preferes habitar as tendas de Argileto, / quando para ti, pequeno livro, há espaço de sobra nos meus escrínios. / Nem sabes, pobre de ti, nem sabes quão difíceis são os gostos da senhora Roma: / acredita em mim, a turba de Marte tem um paladar demasiado exigente. / Em parte alguma há maiores zombarias: quer os jovens, quer os velhos, / e até as crianças, têm um nariz de rinoceronte. / Quando ouvires um grande aplauso, ainda estás a atirar beijos, / e já te sentirás baldeado ao ar em saio de arremesso. / Mas tu, para

³² I.3. O temor que Marcial manifesta neste epigrama, em contraste com a confiança demonstrada nos dois primeiros epigramas do livro I, faz pensar que teria sido escrito como introdutório da primeira edição deste livro. A modéstia pode, contudo, ser aparente. O poeta parece estar a seguir um *topos* frequente nos proémios, com alusão aqui à epístola I. 20 de Horácio. De qualquer modo, o epigrama apresenta um quadro caricatural do público de Roma, e manifesta também os riscos decorrentes de uma publicação. Ao escrever este epigrama, Marcial não está ainda seguro de poder contrapor à crítica oficial a aceitação dos seus fiéis leitores; cf. a edição de *Epigrammaton liber I*, a cura di M. CITRONI, Firenze, La Nuova Italia, 1975, 22-24 e, do mesmo autor, “Un proemio di Marziale (I, 3)”: *Studia Florentina Alessandro Ronconi sexagenario oblata*, Roma, Ateneo, 1970, 81-91.

não sofreres tantas vezes as emendas do teu dono, / ou para que uma severa pena não censure os teus gracejos, / desejas, meu atrevido, voar pelas etéreas brisas: / vai; escapa-te lá: mas poderias estar mais seguro em casa.

É patente o receio das reacções que a linguagem deste livro, apelidado de *lasciuus*, possa causar. Daí a tentação de emendar os *lusus* com uma *tristis harundo*. O tema do *labor limae* concretizado nas *domini liturae*, apresenta-se em luta com o desejo do livro de voar pelas *aetheriae aurae*. Mas, porque Marcial é um perfeccionista, o livro pode estar sempre sujeito a um golpe de esponja, do próprio autor ou dos amigos³³. O medo que sente leva-o a uma atitude de autodefesa que vai desde a desculpabilização até ao ataque. O leitor é o temido juiz. Se encontrar nos epigramas qualquer obscuridade ou exemplo de fraco latim, Marcial apressa-se a justificar:

*Non meus est error: nocuit librarius illis,
dum properat uersus adnumerare tibi.*

Não é minha a culpa: foi o copista que os estragou, / na precipitação de ajuntar os versos para ti.

Se esta defesa falha e se o leitor lhe continua a atribuir as culpas, então é por *cordis habere nihil*; e para quem acha que os versos são maus, a resposta é pronta: *Haec mala sunt, sed tu non meliora facis*³⁴.

Para sua segurança, o poeta busca o apoio das pessoas com grande autoridade, como Faustino, oferecendo-lhe o livro que acaba de sair;³⁵ ou procura um crítico isento e erudito, como Apolinar, pois sabe que, se este o aprovar, o livro não terá a reccar os *rhonchi maligniorum*³⁶. Marcial, portanto, aceitava a crítica, desde que autorizada pela amizade e pela competência.

Alguns ousam dizer que os versos de Marcial não são perfeitos, mas o poeta preocupa-se em agradar ao público, não aos críticos literários:

*Lector et auditor nostros probat, Aule, libellos,
sed quidam exactos esse poeta negat.
Non nimium curo: nam cenae fercula nostrae
malim conuiuis quam placuisse cocis*³⁷.

³³ 4.10: *Non possunt nostros multae, Faustine, liturae / emendare iocos: una litura potest.*

³⁴ 2.8.

³⁵ 3.2.

³⁶ 4.86.

³⁷ 9.81.

Leitor e ouvinte aprovam, Aulo, os meus versos, / mas um certo poeta diz que não são perfeitos. / Não lhe dou muita importância: os pratos do meu jantar / preferiria eu que agradassem mais aos convidados do que aos cozinheiros.

Ele próprio tem consciência de que no seu livro não existem só flores. Um livro é constituído por versos bons e maus:

'Triginta toto mala sunt epigrammata libro.'

*Si totidem bona sunt, Lause, bonus liber est*³⁸.

'Existem no livro inteiro trinta epigramas maus.' / Se existirem outros tantos bons, Lauso, é um bom livro.

Realmente, uma coisa é escrever alguns versos isolados, outra é escrever um livro:

*Quod non insulse scribis tetrasticha quaedam,
disticha quod belle pauca, Sabelle, facis,
laudo nec admiror. Facile est epigrammata belle
scribere, sed librum scribere difficile est*³⁹.

Lá porque escreves algumas quadras não sem sabor, / lá porque fazes, Sabelo, uns poucos dísticos bonitinhos, / dou-te o meu louvor, não a minha admiração. Epigramas bonitinhos, é fácil / escrevê-los, mas escrever um livro é difícil.

A tarefa da publicação é ingrata: é mais fácil criticar os versos alheios do que publicar os próprios. Por isso, Marcial desafia um poeta crítico a publicar os seus versos⁴⁰. Por outro lado, não entende nem tolera que poetas que ninguém lê se atrevam a criticar os seus versos⁴¹.

Há quem o acuse de não respeitar o princípio da *aequalitas*, mas Marcial recusa-o explicitamente como contrário à sua estética:⁴² prefere a variedade exigida pela representação realista da vida quotidiana que, como vimos atrás, exige até diversos níveis de linguagem.

³⁸ 7.81.

³⁹ 7.85.

⁴⁰ 1.91. *Cum tua non edas, carpis mea carmina, Laeli. / Carpere uel noli nostra uel ede tua.*

⁴¹ cf. 3.9; 6.64.

⁴² 7.90: *Iactat inaequalem Matho me fecisse libellum: / si uerum est, laudat carmina nostra Matho. / Aequales scribit libros Caluinus et Vmber: / aequalis liber est, Cretice, qui malus est.*

Outro tipo de crítica a que o poeta reage diz respeito à extensão dos epigramas. Mas há que distinguir entre poetas que escrevem epigramas longos que parecem breves e poetas que escrevem dísticos tão enfadonhos que se tornam longos⁴³. A quem se escandaliza por Marcial fazer epigramas em hexâmetros, o poeta aconselha a ler só os dísticos, pois reserva para si a liberdade de escrever hexâmetros e concede leitor a liberdade de os passar à frente⁴⁴. É que por vezes é impossível ser mais breve⁴⁵. De resto, a crítica de falta de brevidade não se pode aplicar a Marcial, porquanto a concisão é um princípio por ele preconizado⁴⁶. Só quem nada escreve pode ser mais breve⁴⁷. Até um livro só de dísticos pode tornar-se demasiado monótono:

Disticha qui scribit, puto, uult breuitate placere.

*Quid prodest breuitas, dic mihi, si liber est?*⁴⁸

Quem escreve dísticos deseja, julgo eu, agradar pela brevidade. / Mas, de que é que aproveita a brevidade, diz-me lá, se não deixa de ser um livro?

Nas respostas do poeta nota-se um certo desprezo por este tipo de crítica académica que, no fundo, resulta da comparação indevida do epigrama com outros géneros literários e que não concebe este tipo de poesia como séria: para esses críticos, trata-se apenas de *lusus e iocus* e, portanto, de um género menor⁴⁹. Se, no final do livro I, admite implicitamente que o que escreve não é *aliquid magnum*, porque lhe faltam mecenas⁵⁰, no livro IV muda completamente de tom. Escreve *nugae*, quando todos louvam e admiram os poemas mitológicos. Mas a verdade tem de se dizer: *laudant illa, sed ista legunt*:⁵¹ porque nos seus epigramas há vida e os homens se revêem nas acções e sentimentos descritos⁵².

⁴³ 2.77. *Sed tu, Cosconi, disticha longa facis.*

⁴⁴ 6.65; cf. 10.1.

⁴⁵ 3.83; 2.77.7: *non sunt longa quibus nihil est quod demere possis.*

⁴⁶ 1.118; 2.1; 4.89. Espera assim conseguir a atenção daqueles que dispõem de pouco tempo, ou pouca paciência: 4.82.

⁴⁷ 1.110.

⁴⁸ 8.29.

⁴⁹ cf. 4.49.1-2: *Nescit, crede mihi, quid sint epigrammata, Flacce, / qui tantum lusus illa iocosque uocat.* Cf. CITRONI, "Motivi di polemica letteraria negli epigrammi di Marziale": *DArch* 2 (1968) 259-301.

⁵⁰ 1.107: *saepe mihi dicis, Luci carissime Iuli, / 'Scribe aliquid magnum: desidiosus homo es'. / Otia da nobis, sed qualia fecerat olim / Maeenas Flacco Vergilioque suo.*

⁵¹ 4.49. Mas a verdade é que Marcial, embora em percentagem reduzida dos seus epigramas, também recorre à mitologia (praticamente inevitável na poesia do tempo). De qualquer modo, a excepção confirma a regra.

⁵² cf. 10.4 e 11.42.

O temor da crítica mordaz é compensado com a alegria de ser reconhecido e aplaudido. O poeta não deixa de contrapor esse reconhecimento às vozes dos críticos⁵³. Nas composições em que faz referência a tal reconhecimento, sente-se que o poeta tem necessidade destes aplausos. Quinto Polião Valeriano guardou as poesias que o poeta escreveu na juventude;⁵⁴ Hipódamo quer ter o nome num epigrama porque considera isso uma honra: Marcial fica muito contente — *ni ualeam, si non res est gratissima nobis* —, embora o nome seja difícil para a métrica;⁵⁵ mostra-se ainda muito lisonjeado pelo facto de saber que a bela Viena conta os epigramas do poeta entre as suas delícias: lêem-nos o velho e o jovem e o menino, e até a *casta puella* os lê à frente do *tetricus uir*, o que mostra que, para os espíritos esclarecidos, a linguagem dos epigramas não cria impedimentos à leitura. Perante essas manifestações de apreço, Marcial confessa:

*Hoc ego maluerim quam si mea carmina cantent
qui Nilum ex ipso protinus ore bibunt;
quam meus Hispano si me Tagus impleat auro
pascat et Hybla meas, pascat Hymettos apes*⁵⁶.

Esta honra, eu a preferiria a que cantassem os meus versos / aqueles que bebem do Nilo, logo da própria nascente; / a que o meu Tago me enchesse de ouro hispano / e o Híbla de um lado, o Himeto do outro alimentassem as minhas abelhas.

A mensagem é clara: mais do que as riquezas provenientes da sua obra, conta o seu reconhecimento e aplauso. O poeta pode viver sem riquezas, mas não sobrevive, se não for apreciado. O seu valor não é comparável a qualquer dos ricos. Depois de enumerar as riquezas de um tal Calístrato em confronto com a sua pobreza, o poeta conclui desta sorte:

*Hoc ego tuque sumus: sed quod sum, non potes esse;
tu quod es e populo quilibet esse potest*⁵⁷.

Isto somos eu e tu; mas o que eu sou, tu não podes ser; / o que tu és, qualquer tipo do povo o pode ser.

⁵³ cf 6.64.6-7: *emendare meos, quos nouit fama, libellos / et tibi permittis felicitis carpere nugas!*...

⁵⁴ 1.113.

⁵⁵ 4.31.

⁵⁶ 7.88.

⁵⁷ 5.13.

Para ele, o autor vale pela sua obra e a obra vale pelo seu autor: existe uma fusão indissociável entre o poeta e a sua poesia. De certo modo, Marcial e os seus livros são uma só unidade que encerra momentos altos e momentos baixos, livros bons e livros menos bons. Ora os livros mais pobres valem pelo seu autor. É isso mesmo que lembra ao leitor no início do livro III, tentando justificar a eventual pobreza de argumentos dos epigramas que foram escritos fora de Roma:

*Hunc legis et laudas librum fortasse priorem:
illa uel haec mea sunt, quae meliora putas*⁵⁸.

Lês este livro e talvez louves o anterior: / qualquer deles é meu, seja qual for o que julgues melhor.

E se, num aniversário, cada um dá o que tem, o poeta oferece um epigrama: é a melhor oferta que pode fazer, porque é algo verdadeiramente seu;⁵⁹ e o vir das mãos do autor será a sua maior valia⁶⁰. A oferta de um livro de epigramas a um amigo ganha inestimável valor, porque leva consigo o rosto imortal do poeta. Dirigindo-se ao seu livro, Marcial afirma:

*Parua dabis caro, sed dulcia dona sodali:
certior in nostro carmine uultus erit.
Casibus hic nullis, nullis debilis annis
uiuet, Apelleum cum morietur opus*⁶¹.

Modesta será a dádiva, mas grata ao meu querido amigo: / na minha poesia, estará mais fiel o meu rosto. / A despeito das vicissitudes, a despeito da poeira dos anos, / viverá, mesmo quando perecer a obra de Apeles.

Por outro lado, Marcial mostra-se sensibilizado e grato aos amigos que lhe pedem os originais com as emendas da sua própria mão⁶², e a Prisco que, mesmo em tempos difíceis, ousou ser um mecenas, proporcionando-lhe o direito ao ócio fecundo, depois do regresso à pátria hispânica, a BÍlbilis⁶³. São estas manifestações de apreço que Marcial deseja e o fazem sentir-se amado.

⁵⁸ 3.1.3-4. Com efeito, este livro foi composto em Ímola. cf. 3.3.

⁵⁹ 10.87: (...) *Si mittit sua quisque, quid poetam / missurum tibi, Restitute, credis?*

⁶⁰ 9.99.7-8: *Vilis eras, fateor, si te nunc mitteret emptor; / grande tui pretium muneris auctor erit.*

⁶¹ 7.84.5-8.

⁶² 7.11; 7.17;

⁶³ 12.3.

Gradualmente, com a publicação dos vários livros, parece ser mais notória em Marcial a consciência do seu valor como poeta. Esta consciência acaba por se sobrepor a toda a crítica. Marcial sabe que os seus versos não são desdenháveis⁶⁴. No epigrama-prólogo do livro nono, apresenta-se convencido daquilo que vale, ao mesmo tempo que pede a almejada benquerença do leitor:

*Ille ego sum nulli nugarum laude secundus,
quem non miraris, sed puto, lector, amas.*

Eu sou aquele a nenhum segundo, na glória destas bagatelas, / a quem não admiras, mas julgo, leitor, que amas.

Mais tarde há-de corrigir-se e considerar-se inferior apenas a Catulo⁶⁵. Nem sequer admite misturas com versos de inferior qualidade⁶⁶. Com efeito, o poeta tem plena consciência de que a sua divulgação, nas paragens mais remotas do Império, lhe dá, em vida, uma fama rara, mesmo depois da morte. E é argumento de peso para calar as vozes mais críticas:

*Ore legor multo notumque per oppida nomen
non exspectato dat mihi fama rogo⁶⁷.*

Sou lido por muitas bocas, e um nome conhecido através das cidades / me dá a fama sem esperar pela pira.

Quanto à fama depois da morte, Marcial, por enquanto, dispensa-a, e opõe-se mesmo àqueles que só apreciam os poetas mortos:⁶⁸ são os vivos que necessitam de sentir o calor da admiração para continuarem a sua obra.

Mas, depois de sete livros publicados, o poeta acha que a Musa já lhe deu fama suficiente. Uma fama que se deve justamente ao *ludere*, tão do agrado da sua Musa — um género menor até então — e que se revela tão imortal como os géneros mais elevados:

⁶⁴ 5.30.5-6: *sed lege fumoso non aspernanda Decembri / carmina, mittantur quae tibi mense suo.*

⁶⁵ 10.78. cf. 4.23 e 5.5.

⁶⁶ cf. 10.100.

⁶⁷ 3.95.7-8; cf. 6.64. Também o epigrama 1.1 manifesta a consciência de uma fama que não é comum ocorrer nos dois primeiros livros: *Hic est quem legis ille, quem requiris, / toto notus in orbe Martialis / argutis epigrammaton libellis: / cui, lector studiose, quod dedisti / uiuenti decus atque sentienti, / rari post cineres habent poetae.* Este epigrama não corresponderá a um prémio originário, mas teria sido acrescentado, juntamente com 1.2, em edição posterior, numa fase em que o poeta já tinha adquirido fama; cf. *Epigrammaton liber I*, a cura di M. CITRONI cit. 12-14.

⁶⁸ 5.10 e 8. 69.

*Quinque satis fuerunt: nam sex septemue libelli
est nimium: quid adhuc ludere, Musa, iuuat?
Sit pudor et finis: iam plus nihil addere nobis
fama potest. Teritur noster ubique liber;
et cum rupta situ Messalae saxa iacebunt
altaque cum Licini marmora puluis erunt,
me tamen ora legent e secum plurimus hospes
ad patrias sedes carmina nostra ferent*⁶⁹.

Cinco eram já suficientes: agora seis ou sete livros / é demasiado: porque é que te agrada ainda, Musa, gracejar? / Tem vergonha e acaba lá com isso: já nada mais me pode acrescentar / a fama. O meu livro é relido por toda a parte. / Mesmo quando as pedras do túmulo de Messala jazerem quebradas ao abandono, / e quando os nobres mármores do túmulo de Licínio forem pó, / a mim hão-de recitar-me as bocas, e muitos hóspedes, consigo, / para os pátrios lares, levarão os meus versos.

Marcial sente que se impôs como poeta e que fez impor o seu género. Não duvida já da perenidade da sua obra. Plínio-o-Moço dirá, como vimos, que Marcial escreveu os seus versos como se fossem imortais:⁷⁰ Marcial sabe que eles são imortais, porque, além do engenho, possuem génio e, de facto, *uicturus genium debet habere liber*⁷¹.

Como poeta, Marcial tem razões para se sentir realizado. Mas, apesar dos sinais inequívocos de sucesso, o poeta teme que, embora possa ser uma presença divertida para os ouvintes, não seja verdadeiramente amado⁷². E, nos últimos livros, surpreende-nos por vezes com sinais inesperados de frustração: é nítida a sua mágoa e desilusão, ao dar-se conta de que mais conhecido do que ele é Andrémon, um cavalo de corrida;⁷³ Parténio não tem tempo para as musas, e se tem, é para as suas;⁷⁴ e há quem diga que leu o livro de Marcial de fio a pavio, mas o poeta sabe que não é verdade⁷⁵.

⁶⁹ 8.3.

⁷⁰ *Epist.* 3.21.6.

⁷¹ 6.61.10.

⁷² 7.76.6: *delectas, Philomuse, non amaris* (se, como suspeitamos, o poeta está, em hora de desencanto, a pensar na sua própria situação).

⁷³ 10.9.

⁷⁴ 11.1.

⁷⁵ 11.107.

Além disso, como as letras nunca enriqueceram ninguém, o poeta, perante o espanto do mundo que o conhece, anda mal vestido⁷⁶. Queixa-se dos *stulti parentes*, que o não favoreceram com uma profissão lucrativa, antes lhe ensinaram as *litterulae*, numa sociedade onde até um sapateiro ganha mais.⁷⁷ Que aproveita a Marcial saber que os seus versos são cantados na Bretanha? A sua bolsa não o sabe⁷⁸. E, na glória, subsiste o desalento e o desencanto. A frustração de Marcial ganha expressão poética na figura de Mamurra, que se dá ares de grande comprador, aprecia demoradamente os artigos expostos — para, ao fim da tarde, cansado, comprar dois cálices de um asse⁷⁹, ou na figura de Eros, que chora por não poder comprar as coisas belas que admira:

*Quam multi faciunt quod Eros, sed lumine sicco!
Pars maior lacrimas ridet et intus habet.*⁸⁰

Quantos não sofrem como Eros, mas de olhos enxutos! / A maior parte ri das suas lágrimas, e dentro de si as guarda.

O poeta parece incluir-se entre estes; prova-o a frequência com que se lamenta da sua pobreza.

O *status* social que a sua fama lhe dá não é acompanhado por uma situação económica que lhe permita subsistir e dedicar-se exclusivamente ao ócio. Vemo-lo frequentemente, meio incógnito entre muitos outros clientes, acorrer aos átrios matinais dos poderosos para a *salutatio* matutina. Ouvimo-lo até, talvez em tom hiperbólico, mas que não deixa de ser verdadeiro, mendigar a toga e o jantar.

Da análise que fizemos se depreende que a preocupação de Marcial, desde a *epistula* introdutória do livro I, de procurar distanciar-se do uso do ataque pessoal e de justificar a obscenidade da linguagem dos seus epigramas é não apenas uma forma de *captatio benevolentiae*, mas uma variante de um tema mais vasto, reiterado ao longo dos vários livros: o temor e reacção face à crítica. Pressentimos uma alma angustiada que oscila entre a consciência do seu valor e o medo de não ser apreciado. O poeta torna manifesta a existência

⁷⁶ 6.82.

⁷⁷ 9.73.

⁷⁸ 11.3.

⁷⁹ 9.59.

⁸⁰ 10.80.

de um fosso entre o valor que reconhece na sua obra e o valor que os leitores realmente lhe atribuem. Marcial sabe que muitos o apreciam e congratula-se com o facto, mas tal reconhecimento parece não ser suficiente para a sua alma inquieta. A verdade é que a sua obra, apesar de copiosa, lhe não faculta a abundância de recursos que seria de esperar, se fosse devidamente reconhecida (e até os que o admiram estranham o facto de ele andar mal vestido). Não é que pretenda riquezas — essas deseja-as apenas para poder *donare* e *aedificare*⁸¹—; o que mais lhe dói é sentir que a sua obra não é ainda tão aplaudida como ele acha que merecia e pesa-lhe ter de sobreviver à custa da penosa vida de cliente. Aos olhos insatisfeitos de Marcial, estas limitações significam que, embora seja uma companhia agradável, como diz em 7.76, não é suficientemente amado. Ora o que o poeta deseja acima de tudo vem sugerido no epigrama-prólogo do livro nono: o *amor* do *lector*. Só esse amor tornaria o poeta verdadeiramente feliz.

⁸¹ 9.22.16.